

O DESPERTAR DE RYAN

BOB WELCH

Estava sentado numa banheira cheia de chapas de gesso mofadas quando meu filho de treze anos perguntou:

- Qualquer dia desses você me leva para jogar golfe?

Eu tinha um banheiro para reformar e queria dizer não, mas falei:

- Claro, qual é a sua sugestão?

- Bem, talvez você pudesse pegar meu amigo Jared e eu no colégio, na sexta-feira, e nos levar até Oakway.

- Boa ideia.

Caía uma chuva fina na sexta-feira e, olhando pela janela, pensei em desistir do programa. A escolha mais racional seria continuar trabalhando na reforma do banheiro. Mas, na hora marcada, troquei o uniforme de "cuidados com o lar" pelo de "cuidados com a chuva" e coloquei os tacos na mala do carro, os meus e os dos meninos. Em frente à escola, Ryan e Jared me esperavam. Ryan me olhou com uma expressão perplexa.

- Para que o chapéu de golfe, papai?

Era uma pergunta boba, como se alguém perguntasse a um mergulhador para que as nadadeiras.

- Bem, eu imaginei que íamos jogar golfe.

Seguiu-se uma pausa peculiar, como uma linha de telefone que ficou temporariamente muda.

- Ah, você também vai jogar? - ele perguntou.

De repente, a pergunta me atingiu como um soco no estômago.

Treze anos de paternidade passaram ante meus olhos. O nascimento. As fraldas. As mamadeiras tarde da noite. Ajudando nos deveres do colégio. Construindo fortes. Consertando bicicletas. Indo a jogos. Acampando. Indo juntos a todos os lugares meu filho e eu.

Agora, eu não tinha sido convidado. Era isso. Era o fim do nosso relacionamento da forma como eu sempre o conhecera.

Isso era: "Adios, pai, obrigado pelas lembranças, mas agora já sou grande o bastante para fazer meus próprios swings, então volte para sua cadeira de balanço e para suas palavras cruzadas." Todas essas lembranças passaram em dois segundos, como um raio, me deixando uns três segundos para responder antes que Ryan ficasse desconfiado e pensasse que eu estava realmente querendo ir jogar golfe com ele e o amigo.

Eu tinha de dizer alguma coisa. O que eu queria dizer era:

"Como você pôde fazer isso comigo? Me jogar para o lado, assim, como se eu fosse uma isca de caranguejo que não se usou?" Éramos uma dupla. Isso era abandono.

Por que tudo tinha de mudar?

Chega dessas divagações. Precisava ser sincero com ele.

Precisava dizer o quanto estava magoado. Dividir com ele meus sentimentos mais profundos. Reunir toda a coragem que encontrasse e abrir meu coração.

Então eu disse:

- Eu? Jogar? Você sabe que estou cheio de coisa para fazer com aquela reforma em casa.

Continuamos em silêncio por alguns momentos.

- Como você pretende pagar? - perguntei, meu ego ferido procurando o punhal.

- Você pode me emprestar o dinheiro?

Ah, então entendi. Ele não queria a mim, mas aceitaria meu dinheiro sem problemas.

- Tudo bem - respondi.

Deixei Ryan e Jared no clube, desejei-lhes boa sorte e voltei para casa. Meu filho estava sozinho, agora, sem ninguém para lhe dizer como acertar uma bola difícil em declive, ou como tirar a bola da banca de areia. E se caísse um raio? E se ele tivesse hipotermia? Se fosse atropelado por um carrinho? E se aparecesse um bando de esquilos agressivos? Ele é tão pequeno. Quem tomaria conta dele?

Lá estava eu, sozinho, cada vez mais longe dele. Não apenas agora, mas para sempre. Era isso. O elo se romperia. A vida nunca mais seria a mesma.

Entrei em casa.

- O que você está fazendo aqui? - minha mulher perguntou.

Eu sabia que ia parecer um garoto de treze anos, o único da turma a não ser convidado para a festa, mas, mantendo minha hesitação imatura, falei assim mesmo, com um tom mal-humorado:

- Não fui convidado.

Seguiu-se outra daquelas pausas peculiares. Então minha mulher riu. Gargalhou. No início aquilo me magoou. Aí também ri e a situação foi se tornando mais clara.

Voltei à reforma do banheiro e comecei a entender que a vida é assim mesmo: em última análise, pais e filhos têm de mudar. Eu tinha preparado Ryan para aquele momento desde que ele nasceu: não para jogar golfe comigo, mas para se jogar no mundo sem mim. Com seus próprios tacos de golfe. Suas próprias estratégias. Sua própria confiança.

Deus estava transformando meu filho num homem.

Aumentando o espaço aqui, adicionando uma nova característica ali. Em resumo, permitindo que ele se tornasse mais do que seria se eu continuasse a protegê-lo. Exatamente como quando eu era garoto e, com a idade de Ryan, jogava minha bolsa xadrez de golfe nas costas e pedalava oito quilômetros para jogar num campo público pequeno chamado Marysville que eu imaginava ser o chiquérrimo Augusta National Golf Club.

Lembro-me como me sentia adulto, entrando na sede escura, onde a fumaça levantava da mesa de pôquer, e orgulhosamente pagando dois dólares por nove buracos. Será que gostaria que meu pai estivesse ali comigo? Não. Um garoto tem de fazer o que um garoto tem de fazer: crescer.

Voltei à reforma do banheiro. Algumas horas depois, ouvi Ryan entrar em casa. Reclamou com a mãe que não embocava seus putts, que cortava seus slices, que o campo parecia um lago.

Parecia que eu estava ouvindo alguém que conhecia bem. Com seus tênis encharcados, eu podia ouvir os passos se dirigindo ao banheiro onde eu estava trabalhando.

- Papai - ele disse, molhando o chão. - Meu jogo está horrível. Você pode me levar para jogar qualquer hora? Estou precisando de ajuda.

Tive vontade de abraçá-lo e levantar a serra que estava usando para celebrar e gritar: "Ele ainda precisa de mim!" Eu queria dizer a Deus: "Obrigado por me deixar fazer parte desse processo de transformação." Em vez disso, coloquei no rosto um olhar de pai sério e, estoicamente, disse:

- Claro, Ry, quando você quiser.